

## ARQUITETURA MODERNA NO JARDIM PAULISTA: O ARQUITETO JOÃO KON E SUAS OBRAS<sup>1</sup>

**Marina Miraldo Bruno**  
Graduanda /IFSP

**Maria Cecília Lucchese**  
Doutora/USP  
Professora/IFSP

### RESUMO

O presente artigo trata de um estudo de caso sobre um arquiteto responsável por diversos projetos residenciais, realizados na região do Jardins, entre os anos de 1950 e 1980. Através da pesquisa de campo e documental no bairro do Jardins, acerca da arquitetura moderna, foram levantados diversos edifícios residenciais de João Kon. O objetivo é disseminar o conhecimento sobre este arquiteto pouco conhecido e pouco comentado pela literatura, e a arquitetura modernista, estabelecendo também uma comparação entre as estratégias de projeto em suas obras. São, ao todo, dezesseis edifícios levantados no perímetro em análise.

**Palavras-chave:** João Kon. Arquitetura Moderna. Jardim Paulista

### Introdução

A produção de arquitetura moderna em São Paulo, realizada entre as décadas de 1930 e 1980, teve como consequência uma ampla quantidade de edifícios construídos considerados de excelente qualidade arquitetônica. João Kon (nascido em 1933) foi responsável por cento e vinte e um projetos de edifícios para a cidade de São Paulo. Ele é um dos diversos arquitetos do período moderno que tem um grande número de exemplares construídos na cidade de São Paulo, principalmente edifícios verticais residenciais. A arquitetura moderna do período, entre as décadas de 1950 e 1970, trouxe para vários bairros, inclusive o Jardim Paulista, uma nova forma de habitar, que se refletia na forma edificada.

Desde sua primeira obra na Rua Peixoto Gomide (Edifício Primavera) em 1954, o arquiteto, estudante ainda, aplicou ali elementos que seriam utilizados em todos os projetos futuros, como painéis de veneziana em madeira, estrutura independente, elementos vazados e pérgolas. Vivendo no meio artístico da época (DEQUALA, 2016), fez nele vários amigos, como Volpi; e por isso em seus edifícios, muitas vezes, podem ser encontradas obras de artistas plásticos famosos. O arquiteto formou-se pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie em 1955, e trabalhou na Incorporadora Diâmetro Empreendimentos com seu irmão, o engenheiro Samuel Kon, encerrada em 1986.

Os objetivos principais desse artigo são aumentar o conhecimento acerca deste arquiteto e de suas obras, e disseminar as informações para um maior número de pessoas, mostrando seu impacto na tipologia arquitetônica do bairro estudado. Também

---

<sup>1</sup> Este artigo é decorrente de projeto de pesquisa de Iniciação Científica.

é objetivo possibilitar uma maior difusão da obra desse arquiteto, pois o fato de ser autor de inúmeros edifícios no Jardim Paulista é praticamente ignorada por uma grande parte dos estudiosos de arquitetura (DEQUALA, 2016).

O estudo surge de pesquisa de campo no bairro do Jardim Paulista, local de grande densidade populacional e de concentração de moradores de classe média e alta, através de um levantamento fotográfico das fachadas dos edifícios residenciais. Posteriormente foi realizada pesquisa documental, com estudo de literatura que norteou assuntos relativos ao tema, como Bruand (2001 e 2003), e ainda autores que estudaram o arquiteto objeto deste trabalho (GUERRA, 2016) e (GUERRA, SERAPIÃO e GIMENEZ, 2016). Esta pesquisa documental, aliada ao levantamento, propiciou a redação deste trabalho.

## O arquiteto João Kon

João Kon é um arquiteto que realizou centenas de obras na cidade de São Paulo, iniciando seus projetos em meados do século XX. Ele veio de uma família judaica, tinha dois irmãos, e diz-se que devido ao seu comportamento na infância, foi o único dos filhos a estudar no internato. Ele se sentia aprisionado (GUERRA, SERAPIÃO e GIMENEZ, 2016), mas foi neste período que o futuro arquiteto começou a vislumbrar seus gostos, como o aeromodelismo, por exemplo.

Estes gostos levaram Kon a pensar em fazer sua graduação no ITA (Instituto de Tecnologia Aeronáutica), que não tinha sede em São Paulo. Assim, o arquiteto, como segunda opção, se inscreveu no curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que era a opção de ensino superior com mais proximidade da carreira que ele queria. Ele começou a cursar a graduação com 17 anos, e estudou entre 1951 e 1955, no curso coordenado por Christiano Stockler das Neves. O antigo coordenador, que deixou o cargo em 1957, é bastante conhecido, sendo autor entre outros, do projeto da Estação Júlio Prestes, atual Sala São Paulo e Palácio Duque de Caxias, no Rio de Janeiro.

O curso de arquitetura no Mackenzie não tinha uma grande preocupação com a história da arquitetura, no que se refere à contemporaneidade, e também Stockler das Neves era conhecido por ser um “antimodernista convicto” (GUERRA, SERAPIÃO e GIMENEZ, 2016). Isto levou a uma reação dos estudantes que compravam, e compartilhavam entre si, revistas internacionais sobre arquitetura moderna, tornando-os autodidatas no tema. João Kon possivelmente era um dos alunos que lia estas revistas. Além das influências internacionais arquitetônicas, João Kon tinha um contato direto com a arte moderna, já que convivia com artistas como Alfredo Volpi.

A arquitetura de João Kon também se destaca, de modo muito particular, pelo diálogo que estabelece com as artes plásticas. Ainda recém-formado, frequentava a casa do pintor Alfredo Volpi e mantinha amizade com outros artistas, o que levou à presença constante em sua arquitetura de obras de Volpi, Waldemar Cordeiro, Arcângelo Ianelli, Antonio Lizarraga, Gershon Knispel, entre outros (GUERRA, SERAPIÃO e GIMENEZ, 2016, p. 233).

O período de atuação de João Kon na arquitetura residencial de São Paulo está inserido no contexto de um grande movimento arquitetônico internacional - a Arquitetura Moderna, com reflexos diretos no posicionamento de arquitetos brasileiros.

Pode-se dizer que esta arquitetura pode ser encontrada num período determinado da construção da cidade de São Paulo, entre as décadas de 1930 e 1980. O bairro em estudo, o Jardim Paulista, é um exemplo claro desta concepção moderna, ideal para uma análise histórica mais detalhada dos edifícios verticais residenciais, mas há uma certa carência em estudos nesse sentido.

A arquitetura que desperta interesse está quase sempre nos bairros paulistanos formados na década de 1950 quando no mundo inteiro a arquitetura moderna, constituída pelo esforço dos arquitetos empenhados no projeto moderno culmina depois de décadas de experimentação, tentativas e aprendizado. Uma arquitetura (...) responsável por conjuntos notáveis, mas que, no entanto, não é lembrada como exemplo (GIMENEZ, 2009).

Há elementos na arquitetura de Kon que remetem claramente aos ideais defendidos pelo arquiteto franco-suíço Le Corbusier (ver BRUAND, 2002). Um exemplo disso é a utilização de pilotis para sustentação do edifício, cujo espaço criado nos térreos possibilita uma área de convivência sob a construção, podendo ser explorada para a composição da forma do prédio e também no paisagismo, através da criação de jardins. Os pilotis representam, portanto, uma junção de funcionalidade e aperfeiçoamento do volume, do paisagismo, e da estrutura da edificação.

A ideia de fachada livre, também ressonância de Le Corbusier, é traduzida por projetos onde as fachadas ficam claramente independentes do sistema estrutural do edifício, como ocorre no edifício Primavera de Kon. Este tipo de solução arquitetônica permitia que as esquadrias da edificação pudessem assumir quase que a plena totalidade da linha da fachada, já que não havia barreiras estruturais. Esse maior campo visual, que as esquadrias maiores possibilitavam para o morador, cria a metáfora que Corbusier defendia, de aproximar o indivíduo da paisagem e criar entre eles uma relação intrínseca.

A Arquitetura Moderna, de fachadas mais “limpas”, se comparada aos modelos arquitetônicos anteriores cheios de ornamentação, propôs uma aplicação de revestimentos nas fachadas mais simples. No Brasil foram usados elementos de vedação vazados, apoiados na arquitetura tradicional portuguesa, como o muxarabi, e algumas criações a partir desses elementos, como o elemento vazado de cerâmica, denominado cobogó. Kon utilizou de revestimentos vazados em praticamente todos os projetos, e exemplo disto ocorre no Lorena (Figura 1). Estes elementos servem como um elo de ligação entre cidade e edifício que ocorre de forma progressiva e transitória.

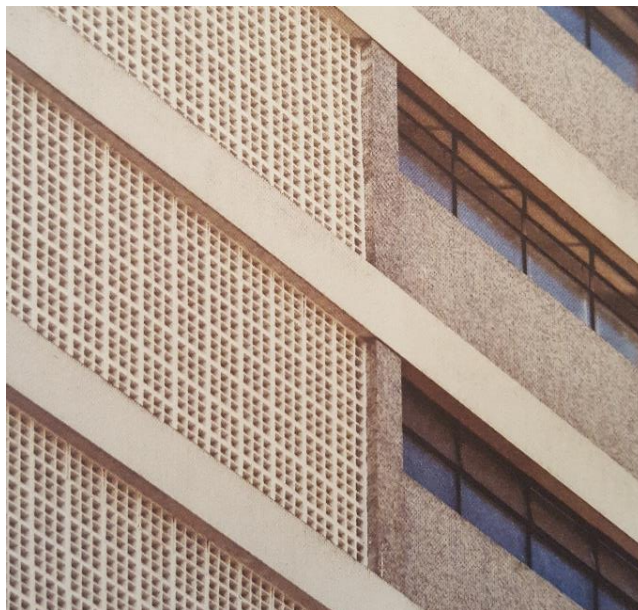


Figura 1 – Elemento vazado na fachada do Edifício Lorena.  
Fonte: GUERRA, SERAPIÃO E GIMENEZ, (2016, p. 220).

Outro elemento bastante utilizado, nos edifícios modernos dos anos 1950 e 60, é o revestimento de fachadas com elementos cerâmicos vitrificados, como ladrilhos e pastilhas coloridas. Isso também pode ser encontrado nos edifícios de Kon, como no Garça Real (pastilhas verdes), Primavera (pastilhas vermelhas e brancas), por exemplo.

Além da influência de Le Corbusier, que chegava à maior parte dos arquitetos modernistas, houve em Kon também a influência de Mies van der Rohe e de Marcel Breuer (GUERRA, SERAPIÃO e GIMENEZ, 2016). Essas referências para o projeto alteraram, portanto, a forma como se dava a construção, seja com mudanças na estrutura de sustentação do edifício, a mudança tecnológica, a relação entre edifício e paisagem, a disposição interna dos ambientes de acordo com insolação, elementos na fachada, entre outros.

Na maior parte dos projetos entre os anos 1950 e 1960 há uma composição laminar, que remete ao Pavilhão Suíço de Le Corbusier, de 1930. Ou seja, bloco em pilotis, e, nas duas fachadas maiores, voltadas para a melhor insolação (o nascente), os dormitórios e o estar; os serviços orientados para o poente; e duas faces menores tratadas como empenas cegas, vez ou outra, apenas com pequenas aberturas, tratadas como concessões. Assim, configurava-se um volume suspenso que contrapunha duas faces abertas e duas fechadas, ou seja, o modelo da lâmina moderna (SERAPIÃO, 2006).

## Os edifícios de Kon em São Paulo

O arquiteto desenvolveu projetos para diversos edifícios em São Paulo, principalmente nos bairros do Jardim Paulista, Higienópolis, Santa Cecília, Moema, Perdizes e Morumbi.

Muitos admiradores da arquitetura moderna relatam em entrevistas a admiração por alguns deles, mas desconhecem que são de autoria de Kon. Por mais que o arquiteto não se mostrasse muito interessado em divulgar suas obras, nem sequer à Revista

Acrópole, no auge de suas produções arquitetônicas (1970-1980) alguns projetos acabaram sendo publicados (GUERRA, 2016). Apenas recentemente, em 2016, houve uma maior divulgação do trabalho do arquiteto, quando da publicação do livro “João Kon, arquiteto” (GUERRA, SERAPIÃO e GIMENEZ, 2016). Este desconhecimento sobre a autoria de diversos edifícios de qualidade arquitetônica vem sendo agora, pouco a pouco, desfeito, uma vez que cada vez mais se estuda a arquitetura moderna produzida em São Paulo. Mesmo assim, ainda são poucas as publicações sobre o assunto.

Essa falta de relatos sobre as obras de João Kon possivelmente tem relação com o fato de que no auge de sua produção arquitetônica foram publicados textos de Oscar Niemeyer e Vilanova Artigas, que traziam uma discussão sobre o papel da arquitetura em relação a este *boom* de edifícios que cresciam pela demanda de um mercado imobiliário cuja máxima era o lucro imobiliário, em detrimento da qualidade arquitetônica.

Muitos arquitetos, para sobreviver, tinham que projetar de acordo com o interesse das incorporadoras, muitas vezes, mesmo contrariados, desenvolviam projetos que seguiam mais as tendências do mercado, do que as suas intenções de projeto. Essa foi, por exemplo, uma das reclamações de Niemeyer sobre sua produção arquitetônica em São Paulo (GUERRA, SERAPIÃO e GIMENEZ, 2016). Quando Niemeyer realizou essa crítica, era um momento de grande verticalização em diversos bairros, inclusive naqueles bairros onde encontram-se várias obras de Kon.

Várias características são comuns às obras de Kon, como sua particular concepção de projeto que teve início ainda quando estudante. Aproximou seus edifícios, graças a essas especificidades, à utopia moderna (SERAPIÃO, 2006), com o uso da “janela ideal”, por exemplo, que propiciava um grande vão central. Suas obras demonstram que suas inovações, como nos caixilhos ou nas instalações elétricas e hidráulicas, acompanhavam o desenvolvimento tecnológico da época.

Em geral, João Kon projetou obras onde demonstrou que, mesmo grandes revisões estilísticas da arquitetura que aconteciam naquele período de maior produção, não eram capazes de modificar certas posturas e características modernas próprias de suas obras. Além disso, é importante destacar que, independentemente de um reconhecimento público da qualidade de seus projetos, estes conseguiram espaço para se impor na cidade, numa época de alta competitividade dada pela rápida verticalização.

## Os edifícios de Kon no Jardim Paulista

Serão abordados neste item questões gerais dos elementos construtivos, e como isto se aplica nos projetos de Kon.

A pesquisa de edifícios modernos residenciais foi realizada num perímetro do bairro do Jardim Paulista em São Paulo, definido pelo quadrilátero formado pela Avenida Paulista, Avenida Brigadeiro Luis Antônio, Rua Estados Unidos e Avenida Rebouças.

Neste perímetro, foram encontrados dezesseis edifícios mostrados na Figura 1 a seguir, e são: 1 - Edf. Primavera (1954), 2 - Edf. Anambé (1967), 3 - Edf. Lorena (1960), 4 - Edf. Cisne (1968), 5 - Edf. Mainá (1967), 6 - Edf. Sabiá (1972), 7 - Edf. Laranjeiras (1969), 8 - Edf. Jardins de Franca (1981), 9 - Edf. Garça Real (1960), 10 - Edf. Fragata (1972), 11 - Edf. Maguari (1972), 12 - Edf. Pelicano (1972), 13 - Edf.

Herweg (1974), 14 - Edf. Ipanema (1974), 15 - Edf. Tijuca (1976) e 16 - Edf. Jardins de Verona (1985).

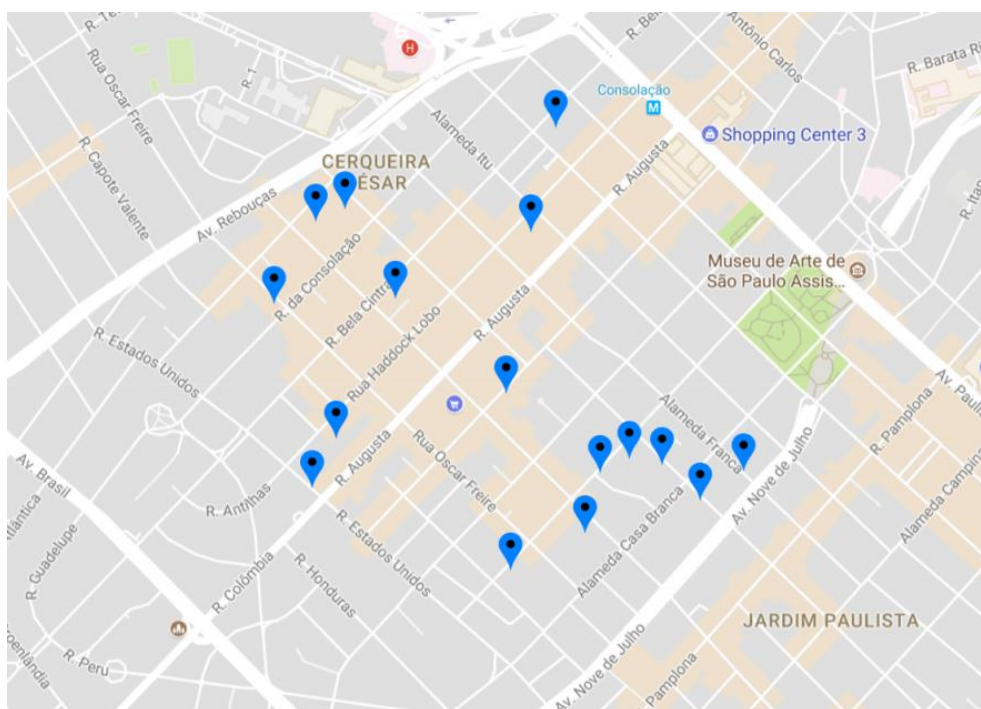


Figura 2- Localização dos edifícios de Kon na área de estudo.

Fonte: Google Maps – elaboração nossa

É importante ressaltar que todas as características construtivas, revestimentos, estrutura da edificação, detalhes técnicos e estéticos gerais na fachada são utilizados pelo arquiteto a partir de sua própria concepção formal e tecnológica, e nela existem ressonâncias da produção arquitetônica nacional e internacional contemporânea a eles e também, parte dos elementos da concepção, respondem às necessidades do mercado, o que pode ser justificado pelo fato de que ele trabalhava como seu irmão engenheiro para a incorporadora e imobiliária de seu pai.

Os edifícios reunidos por este estudo atraem a atenção porque expõem relações claras entre si. Além disso, possuem elementos projetados segundo uma ordem categórica, ou seja, ficam claras as linhas de pensamento do arquiteto, de acordo com o tempo, nestas fachadas, o que transparece nas adaptações formais e funcionais utilizadas nas obras.

### As esquadrias

Um exemplo claro disso é a alteração do uso das esquadrias através do tempo, que são moduladas, e que primeiramente foram de madeira, no Edifício Primavera, e posteriormente foram substituídas por esquadrias metálicas. Essas esquadrias pré-fabricadas, em geral, são grandes caixilhos utilizados, ao invés de estruturas de vedação, em quartos e salas, muitas vezes com simples e eficazes mecanismos industrializados.

Essas esquadrias são diversificadas, com soluções técnicas e estéticas diferentes. Uma vez que ocupam toda largura da fachada, são as responsáveis pela composição estética do edifício. Os edifícios Lorena e Primavera, por exemplo, utilizam a janela

ideal, onde cada dormitório possui duas aberturas. A janela ideal foi muito divulgada na época, como, por exemplo, na Revista Acrópole, e era utilizada em projetos de autoria de grandes arquitetos, como Vilanova Artigas, no edifício Louveira. Quem deu este nome sugestivo à janela foi o próprio fabricante, Collavini & Cia. Ela representa uma evolução de janelas guilhotinadas.

A janela ideal movimenta-se pelo sistema de guilhotina, dessa forma, as folhas correm verticalmente e é possível manter todo o vão aberto ao mesmo tempo (SERAPIÃO, 2006). Já as janelas nos dormitórios do Garça Real, por exemplo, ocupam inteiramente a fachada frontal (o fechamento é metálico e de enrolar) e também são utilizados perfis metálicos que compõe a fachada. Muitos deles, como os edifícios Mainá, Sabiá e Cisne, possuem as janelas maxim-ar, metálicas.



Figuras 3 e 4 – Anúncio da Janela Ideal na Revista Acrópole.

Fonte: Acrópole, n. 236, janeiro 1958.

## Os recuos em relação ao alinhamento

Em relação aos recuos, o único edifício que praticamente não os possui é o Primavera, sua primeira obra. Ele foi construído cerca de apenas dois metros recuado em relação ao alinhamento da calçada no térreo, e a partir do primeiro pavimento não há recuos. A Legislação edilícia foi alterada em 1957, e o projeto deste edifício pioneiro é anterior. A partir deste ano, os edifícios muito altos deveriam ser afastados da via pública para não sombreá-la, estabelecendo uma relação proporcional entre o gabarito do prédio e a largura da via. O interesse das incorporadoras era construir edifícios cada vez mais altos, para obter um maior número de pavimentos e conseqüentemente de unidades para venda, o que gerou um grande número de prédios com gabarito maior que dez andares e, conseqüentemente, com um maior recuo frontal.

A partir de 1957, portanto, projetos com maior altura começam a surgir na região do Jardim Paulista, através de projetos de Kon e de outros arquitetos. Como exemplo, podemos citar o edifício Lorena (Figuras 10 e 11), projeto de Kon com 17 andares, contrastando com a pouca altura do Primavera (Figuras 8 e 9).

Os recuos laterais, frontais e de fundos dos edifícios de Kon, muitas vezes, se destacam pela presença de jardins, alguns até com interessantes projetos paisagísticos, como acontece no Lorena. No Anambé o jardim lateral também é um elemento marcante.

### **Sacadas**

As sacadas dão destaque a edifícios como o Anambé, Lorena, Sabiá, Tijuca, Jardins de Verona e Jardins de Franca, todos eles construídos entre as décadas de 1960 e 80. Em geral, elas são pequenas, ocupam aproximadamente metade da largura da esquadria principal da sala. Os guarda-corpos em geral são de concreto revestido, e apenas no edifício Jardins de Franca a vedação foi feita em vidro.

### **Elementos estruturais**

Em relação aos elementos estruturais, muitos dos edifícios analisados tem estrutura independente, com pilotis aparentes no térreo, como o Anambé (Figuras 15 e 16), e muitos possuem pilares isolados que compõe a fachada do edifício, como o Cisne, Primavera, Mainá e Laranjeiras.

### **Revestimentos**

Em relação aos revestimentos das fachadas vários edifícios tem pastilhas no revestimento externo, em várias cores, porém usadas separadamente em cada edifício (branca, amarela, verde, marrom), e revestem totalmente as fachadas ou apenas a moldura das janelas.

Em alguns projetos, como o Garça Real (Figuras 12, 13 e 14), o arquiteto utiliza a cor como protagonista do edifício. “Curioso notar que em obras dos anos 1970 ele recria esse protagonismo cromático, adotando degradês ao longo de algumas fachadas frontais (SERAPIÃO, 2006).

Os elementos mais comuns nos projetos de Kon são, portanto: pilares na fachada, janela ideal e maxim-ar, uso de pastilhas, uso da cor como identidade do edifício, jardins nos recuos (principalmente frontais), e varandas com fechamento em concreto ou vidro.

### **Os arranjos em planta**

Os edifícios de Kon, em geral, possuem um programa bem parecido, que consiste em apartamentos para a classe média, com três dormitórios nos apartamentos. Estão em análise três plantas de edifícios, de três períodos distintos de projeto (1954, 1960 e 1967) com intenção de explicar a configuração das unidades (programa), as soluções desenvolvidas, a incorporação ou não das dependências destinadas às empregadas no apartamento-tipo, a relação entre a área social e a área íntima de cada unidade, entre outros.



Para a comparação entre as plantas, foram escolhidos três exemplares bem distintos: edifícios Primavera, Lorena e Anambé. Nas três plantas fica clara a separação entre área íntima, social e serviço, um arranjo que é tradicional nas moradias brasileiras. Alguns arquitetos modernistas tentaram romper com isso, mas João Kon seguiu uma linha mais convencional, o que acompanhava os interesses do mercado imobiliário.

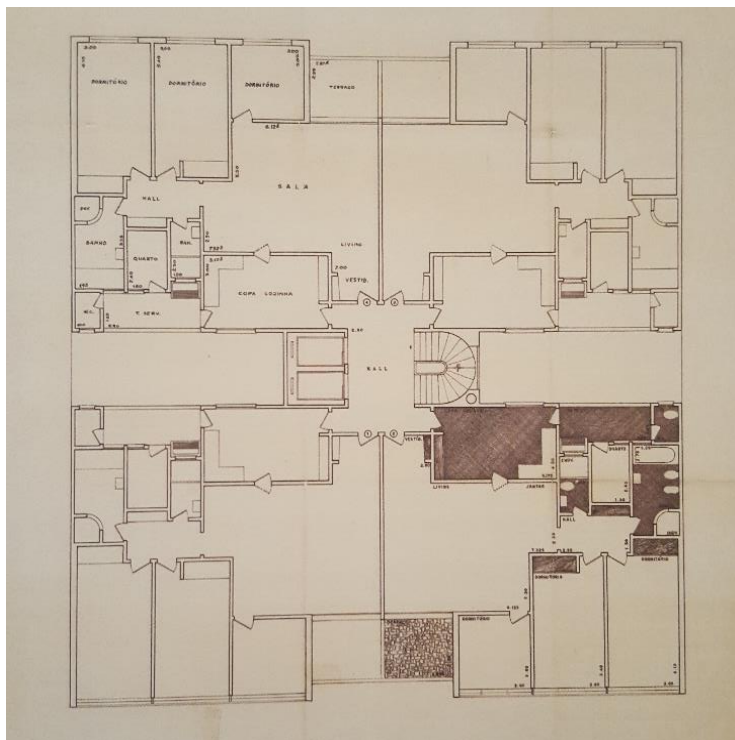


Figura 5 – Planta tipo dos pavimentos - Edifício Primavera.  
Fonte: GUERRA, SERAPIÃO E GIMENEZ, (2016, p. 215).

O edifício Primavera, marcado por uma planta simétrica e quadrada, conta com três dormitórios, sala, terraço, cozinha, lavabo, despensa (provável quarto de empregada), área de serviço e WC de serviço. São quatro apartamentos idênticos por piso. As salas e dormitórios são voltados para rua e fundos do lote, sendo que a sala de estar se abre para um pequeno terraço. O sistema de circulação vertical é um elemento central, articulado através de um pequeno hall localizado no centro do edifício. Essa área central, nas laterais do elevador, forma um fosso, para o qual estão voltadas as janelas da área de serviço. “A planta indica critérios modernos de compartimentação, com áreas mínimas, modulação e zoneamento” (GUERRA, SERAPIÃO e GIMENEZ, 2016). Neste projeto fica clara a importância da fachada principal, uma noção proveniente de obras da década anterior (PINHEIRO, 2008), que é melhor cuidada e tem uma proporção entre os vãos mais interessante.

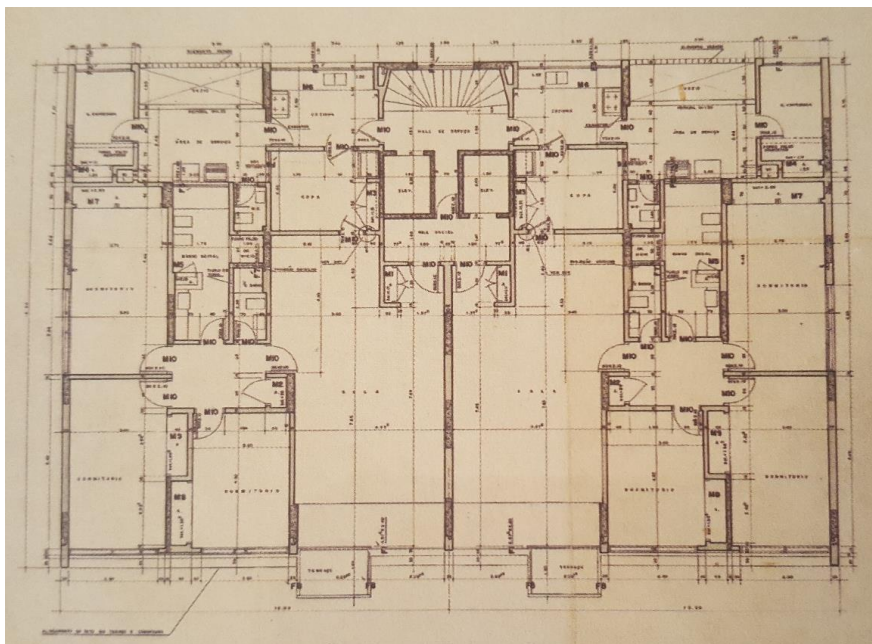


Figura 6 – Planta Edifício Lorena  
 Fonte: GUERRA, SERAPIÃO E GIMENEZ, (2016, p. 224)

O edifício Lorena, com planta retangular e dois apartamentos iguais por piso, conta com sala de estar e jantar, vestíbulo, terraço, copa, cozinha, área de serviço, quarto de empregada, sanitário de serviço, lavabo, banho social e três dormitórios. A circulação vertical se dá por dois elevadores, um social e um de serviço, e uma escada aberta. A planta é retangular, e a planta é modulada formando vãos de largura apropriada ao sistema estrutural projetado. Em relação à circulação interna, há "uma circulação clara e única de serviços que conecta e estende o corredor da escada, um hall íntimo que segrega os dormitórios" (GUERRA, SERAPIÃO e GIMENEZ, 2016, p. 218).

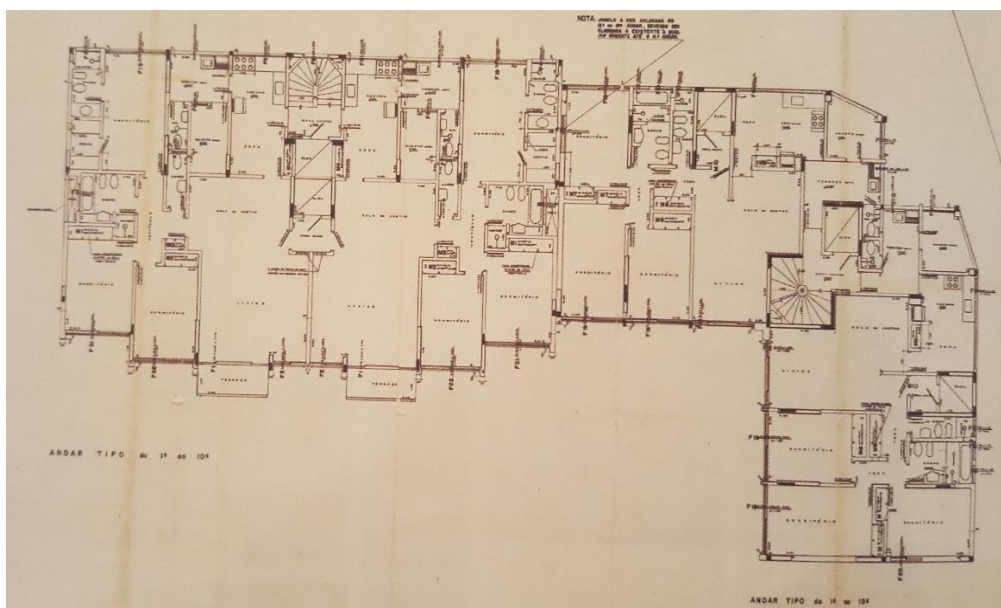


Figura 7 – Planta Edifício Anambé.  
 Fonte: GUERRA, SERAPIÃO E GIMENEZ, (2016, p. 256).

O Anambé possui dois tipos de apartamentos, segregados em dois diferentes edifícios conjugados em L. Os apartamentos maiores estão no bloco frontal, e conta com sala, três dormitórios, banheiro, uma suíte, lavabo, cozinha, lavanderia, quarto de empregada e banheiro de serviço. Os apartamentos menores do outro bloco possuem sala, três dormitórios, dois banheiros, cozinha, lavanderia, quarto de empregada e banheiro de serviço. A circulação vertical se dá por dois elevadores sociais independentes, um de serviço e uma escada.

Há uma preocupação nítida com a orientação solar nestes três edifícios, já que as fachadas das edificações mostram uma melhor insolação para determinados ambientes, como sala e dormitórios, o que era recorrente na arquitetura moderna.

Nos edifícios em análise, um da década de 50, outro do início da década de 60 e o outro no fim da década de 60, é possível notar que os dois primeiros possuem três banheiros, e o último possui quatro, ou seja, houve um aumento no número de banheiros, e isso se deu graças à agregação da suíte ao projeto do Anambé, que não está presente nos outros. No Primavera e Lorena há um banheiro que atende aos três quartos, mais o banheiro de serviço e mais um lavabo. O elevador de serviço só é presente no edifício Anambé.

As características comuns aos três edifícios são: presença de quarto de empregada e banheiro de serviço, grande quantidade de dormitórios, plantas ortogonais e simétricas.

Em comparação com o projeto de 1950 com os outros posteriores, as salas mudaram. A partir do projeto do edifício Lorena há separação da sala em dois ambientes, para estar e jantar.

Ao examinar as plantas de Kon, portanto, é evidente que elas cumprem a exigência funcional e dimensional da unidade habitacional, com soluções tradicionais, e unanimidade em configurações ortogonais de ambientes.

## Cinco edifícios de João Kon no Jardim Paulista

### Edifício Primavera



Figura 8 e 9 – Edifício Primavera, na Rua Peixoto Gomide.  
**Fonte:** Casa Vogue.

O Edifício Primavera é o primeiro projeto de João Kon, feito quando estudante, no seu último ano da faculdade, com 21 anos de idade. Ele está localizado na Rua Peixoto Gomide. Foi um dos primeiros edifícios residenciais verticais da região, tendo apenas seis andares. Como ainda não estava com seu diploma e não poderia assinar a obra, João Kon recorreu a outro arquiteto já formado para assinar o projeto que foi entregue à Prefeitura.

O projeto arquitetônico é de Kon, o projeto estrutural foi desenvolvido por seu irmão Samuel, e seu pai fez a incorporação do edifício. A história de como o edifício foi ocupado está diretamente relacionado às origens da família Kon.

Os 24 apartamentos do Primavera tinham 24 proprietários, todos de origem judaica. A partir desse prédio, até meados dos anos 1960, os empreendimentos dos Kons eram realizados no sistema preço de custo, ou seja, formava-se um grupo de proprietários que bancava a construção da edificação (SERAPIÃO, 2006).

Um destaque do Primavera, a diferença mais marcante entre ele e os outros projetos do arquiteto, é que até 1957 era permitido construir prédios sem recuos, como já visto. Isto cria uma relação especial entre edifício e cidade, uma vez que não há recuos nem gradil que o separe da rua.

Os principais elementos construtivos do projeto são: painéis de veneziana de madeira, pilares à mostra, pastilhas (nas fachadas e nos pilares), elementos vazados e pérgolas. Todos esses elementos podem ser, de uma forma ou de outra, encontrados em outras obras do arquiteto que viriam a seguir, já que o Primavera revela estratégias construtivas que Kon adotaria depois. Um exemplo disso é o painel de veneziana, que eliminou a alvenaria na face do prédio voltada para a Rua Peixoto Gomide.

O destaque principal do edifício, que demonstra toda sua personalidade, portanto, é a fachada, que mostra que os painéis de venezianas são independentes da alvenaria. São 12 painéis de veneziana de madeira (9m x 3m), onde as janelas são movimentadas por cabos de aço, e uma folha faz contrapeso na outra (uma peça desliza para cima quando a outra desliza para baixo ao mesmo tempo, formando vão central), configurando a chamada “janela ideal”. Isto faz com que a janela tenha uma abertura na totalidade do vão, que era o objetivo do arquiteto.

Graças a uma análise de vários projetos de João Kon, é possível afirmar que o Edifício Primavera é o projeto de destaque, não apenas por ter inaugurado uma sequência de obras realizadas por um arquiteto que afetou tanto a tipologia construtiva de bairros como o Jardim Paulista, mas também pela relação que ele estabelece com a cidade, embasada na ausência dos recuos, dos pilotis e do jardim frontal.

### **Edifícios Lorena, Garça Real, Anambé, Sabiá**

O Edifício Primavera marca uma introdução ao pensamento arquitetônico de João Kon, como já visto, e essa linha de ideias sofre algumas modificações durante sua carreira, muito bem representada por edifícios como o Lorena, Garça Real, Anambé e Sabiá. Eles configuram marcos estilístico, de alteração tecnológica, de materiais, de técnicas, de estilo, etc., que o arquiteto projetou durante sua carreira.



Figuras 10 e 11 – Edifício Lorena na década de 70 e nos dias de hoje, respectivamente.  
**Fonte:** (SERAPIÃO, 2006).

O Edifício Lorena, projeto de 1960, localizado na Alameda Lorena, marca uma nova realidade na legislação edilícia no histórico de projetos de João Kon, como já citado. Em contraste com seu primeiro projeto, este edifício possui um grande recuo frontal, com 17 andares, 34 apartamento proposta do Primavera, onde a presença de jardins ainda não fazia parte do programa de habitação coletiva. O Lorena tem vidro e janela ideal na fachada, com projeções de sacadas, que dão uma certa delicadeza à composição simétrica, características que o assemelham ao Primavera. É sustentado por dezoito pilares, mais o núcleo vertical. Este edifício é marcado pelo uso da cor, com posterior transformação para um edifício de tom neutro.



Figuras 12, 13 e 14 – Edifício Garça Real na década de 60 e nos dias de hoje, respectivamente.  
**Fonte:** (SERAPIÃO, 2006).

O Edifício Garça Real, localizado na Alameda Tietê, apresenta um tipo de fachada que foi muito utilizado por Kon. Nela fica bem clara a disposição horizontal de peitoris de alvenaria e caixilhos, sendo estes metálicos e de enrolar (curtain wall), que atravessam inteiramente a fachada. O uso da cor no edifício, diferentemente dos outros, tem o verde como elemento escolhido e protagonista. As zonas de estar abrem-se para as laterais do edifício, diferentemente do Primavera e Lorena. No Garça Real tem início uma solução muito utilizada por Kon em relação às plantas dos apartamentos, que tendem ao quadrado e plena ortogonalidade.



Figuras 15 e 16 – Fachada, volumetria do Edifício Anambé.  
**Fonte:** GUERRA, SERAPIÃO E GIMENEZ (2016).

O Edifício Anambé, localizado na Rua José Maria Lisboa, representa uma inovação no modo como o arquiteto resolve a implantação do edifício, em comparação aos projetos anteriores. A configuração volumétrica do prédio é definida por dois edifícios implantados em ângulo reto, posicionados no fundo do terreno e à esquerda do mesmo, onde se destaca a acentuada diferença de gabarito entre os blocos (um deles conta com vinte apartamentos e o outro com trinta e oito, e têm plantas diferentes entre si). Esta diferença de gabarito é justificada pela legislação que trata de recuos, uma vez que o bloco mais alto está implantado no fundo do terreno. O térreo é sustentado por pilotis. Essa implantação em “L” cria a possibilidade de haver um jardim lateral com piscina, voltados para a face norte (melhor insolação). Os quartos e salas são voltados para norte e nordeste. Ele possui elementos vazados feitos de tijolos, que configuram delicadeza ao edifício.



Figuras 17, 18 e 19 – Fachada, entrada e vista dos pilares, respectivamente, do Edifício Sabiá.

Fonte: GUERRA, SERAPIÃO E GIMENEZ (2016).

O Edifício Sabiá, projeto de 1960, é marcado pela presença de elementos estruturais (pilares) de concreto ao longo da fachada, elemento muito utilizado pelo arquiteto. Ao observar a fachada, neste caso, a estrutura parece se tornar protagonista do edifício. A composição da fachada é feita com uma sequência horizontal de peitoris de alvenaria e caixilhos, como o Garça Real. Sua estrutura foi revestida com mineral agregado jateado, de tom avermelhado, a pedido dos proprietários dos imóveis, que não quiseram o concreto aparente.

## Conclusão

Os edifícios construídos entre as décadas de 1950 e 1970 expõem uma diversidade de soluções bastante interessante. Temos um conjunto de elementos arquitetônicos que são representativos do pensamento moderno, mas também da lógica de comercialização de projetos habitacionais verticais para as classes mais abastadas. Os edifícios tem soluções de arquitetura moderna com destaques estéticos e técnicos, e além do Jardim Paulista estão presentes em diversos bairros de São Paulo. E são bons exemplares da arquitetura moderna paulista.

As obras escolhidas não provocam a atenção pelo exagero estético, ou pelo contraste em relação aos outros edifícios do bairro, ou mesmo por terem se constituído como provocações ao modelo arquitetônico eclético ainda mais adequado ao gosto da época, mas sim pela concisão, consistência e pertinência que o olhar detecta de prontidão, e associa à qualidade da solução modernista. Um destaque, como já citado, em meio a tantas obras, é o Edifício Primavera, de apenas seis andares, na rua Peixoto Gomide, um dos primeiros edifícios verticais residenciais no Jardim Paulista.

O bairro, hoje quase que totalmente verticalizado, tem vários exemplares notáveis daquele período, grande parte deles cuja autoria ainda não foi pesquisada e divulgada para os profissionais e estudiosos de arquitetura, ou para um público mais amplo.

Espera-se que aos poucos esses estudos sejam ampliados e que se possa brevemente contar com um maior conhecimento da produção arquitetônica modernista

feita na cidade de São Paulo, sobre seus projetistas e sobre o contexto que cercaram suas construções.

Espera-se que essa pequena amostra e análise do trabalho de Kon seja inspiradora para aqueles que se debruçam sobre a história da arquitetura brasileira, e sobre a qualidade da arquitetura produzida em São Paulo.

As obras de Kon, portanto, se configuram não apenas como importante tema da história da arquitetura paulista, mas, principalmente, como significativo patrimônio cultural da cidade, a ser mais conhecido e evidenciado.

## REFERÊNCIAS

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 2003.

DEQUALA, Victor. *João Kon, arquiteto*. In **Archdaily**, São Paulo. Julho 2016. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/792357/joao-kon-arquiteto>. Acesso em junho, 2017.

GIMENEZ, Luis Espallargas - **A propósito do juízo da arquitetura paulistana**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 09, n. 105.02, Vitruvius, fev. 2009 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.105/73>>. Acesso em Novembro de 2017.

GUERRA, Abílio. *João Kon, arquiteto: Uma novidade no panorama arquitetônico de SP*. *Arquitextos*, São Paulo. 2016. N. 107.05. Vitruvius. Agosto de 2016. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/17.107/6155> Acesso em junho, 2017.

\_\_\_\_\_; SERAPIÃO, Fernando; GIMENEZ, Luis Espallargas (Orgs.). **João Kon, arquiteto**. São Paulo, Romano Guerra, 2016.

PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. *Arquitetura residencial verticalizada em São Paulo nas décadas de 1930 e 1940*. In **Anais Museu Paulista: História e Cultura Material**. São Paulo, Jan./Junho 2008. v. 16, nº. 1, p. 109-149. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142008000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142008000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em Novembro de 2017.

SERAPIÃO, Fernando. *Silêncio e anonimato*. In **Projeto Design**, n. 311, 2006, São Paulo, p. 94 – 97. Disponível em: <https://arcoweb.com.br/projetodesign/artigos/artigo-silencio-e-anonimato-01-09-2003> Acesso em junho, 2017.



## ***MODERN ARCHITECTURE IN THE JARDINS NEIGHBORHOOD – JOÃO KON ARCHITECT AND HIS WORKS***

### ***ABSTRACT***

*This paper deals with a case study about the architect responsible for several residential projects carried out in the Jardins neighborhood, between the years of 1950 and 1980. Doing a field research in the Jardins neighborhood and a secondary fields research about modern architecture, several João Kon's residential buildings were discovered in the studied perimeter. This article intends to disseminate the knowledge about this architect no much known by his colleagues and architectural historians, also establishing a comparison between the design strategies in his works. There are a totally of sixteen buildings erected on the perimeter under analysis.*

***Key-words:*** João Kon. Modern Architecture. Jardim Paulista Neighborhood.

**Enviado em 12/2017.**

**Aceito em 01/2018.**